



**Esporte, cultura e política:
a trajetória dos Gay Games nas
práticas esportivas contemporâneas**

Wagner Xavier de Camargo

resumo

Os Jogos Olímpicos Gays foram criados em 1982 nos Estados Unidos, com a finalidade de agregar praticantes esportivos que não se filiavam aos ditames da heterossexualidade compulsória. Reunindo *gays*, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e outros (inclusive heterossexuais), tais jogos ocorrem quadrienalmente há mais de trinta anos e trazem ao debate as identidades sexuais e de gênero no contexto de práticas esportivas, que, em geral, são discriminatórias e homofóbicas. O intuito deste capítulo é tecer considerações antropológicas sobre tal evento, bem como resgatar experiências etnográficas específicas do pesquisador em três edições internacionais dos Gay Games, com o objetivo de discutir representações de gênero e sexualidade nos esportes.

Palavras-chave: Gay Games; história; esportes; experiência etnográfica; antropologia.

abstract

The Gay Olympic Games were founded in 1982 in the United States to bring together sporting practitioners who did not meet up with compulsory heterosexual norms. The event gathers male homosexuals, lesbians, bisexuals, transvestites, transsexuals and others, including heterosexuals. The games have been held every four years for over 30 years; and they drive forward the debate on gender and sexual identities in the sporting arena, which has been traditionally discriminatory and homophobic. This chapter aims to present some anthropological considerations on the event, and also to bring back some specific ethnographic experiences the author had in three international editions of the Gay Games, so as to discuss gender and sexuality representations in sport.

Keywords: *Gay Games; history, sports; ethnographic experience; anthropology.*

Einevitável, ao ter contato com qualquer menção relacionada ao universo “olímpico”, não ter a mente invadida por imagens divulgadas pelas mídias esportivas de corpos atléticos, bandeiras e hinos nacionais, medalhas e mesmo choro nos pódios de premiação. São simbolismos que vertem em representações, as quais povoam nosso imaginário sobre o universo das Olimpíadas e dos jogos esportivos de grande porte.

O mesmo acontecerá nesta leitura quando mencionar que este texto tratará, exatamente, dos desconhecidos e inusitados Jogos Olímpicos Gays (ou Gay Olympic Games). Ou seja, tanto certa simbologia sobre as Olimpíadas será acessada, quanto uma curiosidade acerca do quesito “sexualidade” de *gays* esportistas, elemento comumente invisibilizado¹. Pois bem, este artigo

1 Interessante perceber como o senso comum trata a sexualidade no esporte de um modo geral. É comum surgirem boatos sobre dada orientação sexual de um atleta ou suas possíveis relações sexuais com pessoas do sexo oposto, e isso vira fofoca e notícia de jornal. Mas frente às “sexualidades dissidentes”, de sujeitos que não se identificam com a heterossexualidade dominante, verte-se para o argumento de que “*performance* esportiva nada tem a ver com sexualidade” e se invisibiliza, particularmente, a homossexualidade. Alguns autores apontaram este último aspecto: Jarvis (2006), Eng (2006), Wellard (2006), Owen (2006), Lenskyj (2003), Griffin (1998), Pronger (1990; 2000). Em recente artigo, Carney e Chawansky (2014) elencam duas razões para o vácuo de entendimento nas pesquisas sobre “esporte em

tem por finalidade maior entretecer considerações sobre identidades sexuais e de gênero no mundo dos esportes.

No caso dos “Jogos Gays” ou “Gay Games”, tudo começou quando Tom Waddell, um decatleta norte-americano que havia competido na Olimpíada da Cidade do México 1968, propõe criar os Gay Olympic Games, uma proposta bastante ousada à época, que almejava estabelecer uma estrutura de competição “olímpica” para a prática de esportes por pessoas que não se consideravam heterossexuais².

Embalado pelos ventos de mudança desencadeados pela Revolução Sexual dos anos 1960-70, tal evento esportivo foi planejado para demandar

desenvolvimento”: o engajamento limitado no escopo de pesquisas internacionais sobre o tema sexualidade e pouca (ou nenhuma) atenção aos “desejos *queer*” (ou não heteronormativos) nos esportes praticados por corpos outros, particularmente os do Hemisfério Sul.

2 Waddell possuía um exímio *background* esportivo, que começou na tenra idade pelo incentivo dos pais adotivos, intensificando-se no colégio de Springfield e tendo seu ápice após sua saída das Forças Armadas. Na realidade, queria ser dançarino, mas sempre foi desencorajado (Symons, 2010). Estimulado a praticar as dez provas do decatlo, Waddell ficou em sexto lugar entre 33 outros atletas na edição olímpica mexicana, sendo que, dentre as provas, em cinco delas ele quebrou seus próprios recordes pessoais (Pronger, 1990; Waddell & Schaap, 1996; Bosch & Braun, 2005).

WAGNER XAVIER DE CAMARGO é pesquisador da Fapesp junto ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

mais direitos aos homossexuais e outros sujeitos sexuais (como bissexuais, lésbicas, travestis e transexuais), nas arenas esportivas. Como defendeu Waddell algumas vezes, era necessário um mundo “sem distinções culturais, sociais ou sexuais”, mesmo dentro do esporte.

Logo que se aproximou a data do certame, no entanto, o Comitê Olímpico Estadunidense (United States Olympic Committee – Usoc) ganhou a ação já perpetrada contra Waddell, proibindo-o de se utilizar da palavra “olimpíada” em referência aos “Jogos Gays”. Em que pese haver uma ampla utilização da palavra “olympic” por parte de outros grupos ou comunidades, isso não favoreceu a “causa homossexual” naquele contexto histórico, por assim dizer. O uso da expressão por Tom Waddell e seu grupo (que logo formaria a então Federação dos Gay Games) “maculava o espírito olímpico”, como foi registrado (Waddell & Schaap, 1996). Sobre tal processo judicial, Perry Young (1995, p. 119) sublinhou que “*the fight over the name proved long and expansive, but the Olympic Committee finally (with the blessing of the U.S. Supreme Court) succeeded in blocking Waddell’s use of the word ‘Olympic’*”.

Seu pronunciamento na abertura da primeira edição (Gay Games I), no ano de 1982, em São Francisco, Estados Unidos, mostra em linhas gerais as ideias que defendia:

“It’s quite possible that someday the distinctions between gay and nongay cultures will become ir-

relevant, but for the nonce, with these Games and the Procession of the Arts, we hereby serve notice that we are fully vested citizens of the world, with a thriving and bona fide culture, and that we are worthy of the respect and esteem of all other citizens of this world. Today and this week, we see ourselves as we really are – active, productive, creative, and healthy. I hope we all experience the sense of self-worth and self-esteem that is the natural consequence of the activities in this community. Let the games begin!” (Waddell & Schaap, 1996, pp. 195-6).

Contudo, a proposta vingou e os primeiros Gay Games não só foram um sucesso para a época, como criaram vanguarda. A designação “Gay Games” surgiu de uma controvérsia histórica e de uma disputa judicial e, segundo Judy Davidson (2006), até hoje tal decisão é mal compreendida e mal digerida pelos que ainda militam “na causa”, dentro do esporte. Na esteira dos efervescentes debates sobre identidades sexuais pós-revolução, no entanto, os Gay Games se materializaram como uma proposta diferenciada, que pretendia dar visibilidade e ação para atletas e outros sujeitos excluídos do cenário esportivo *mainstream*. Mais do que provocar a “saída do armário” (*coming out*) da sexualidade de um atleta, os jogos propunham-se ser um espaço de celebração da diversidade sexual – termo não tão em voga naquele momento histórico.

De acordo com Pat Griffin (1998), os jogos também proporcionariam a convivência não con-



Tom Waddell em frente ao cartaz que proibia a palavra “olympic” e com a decisão judicial nas mãos



Tom Waddell apagando a palavra “olympic” do cartaz dos Gay Games I

fituosa entre identidades atléticas e sexuais num evento esportivo, inclusive congregando atletas heterossexuais. E, mais recentemente, Caroline Symons (2010, p. 1) fala sobre a concepção que envolvia tais jogos:

“The Gay Games were to be open to people of all sexual orientations, genders, races, nationalities, ages, abilities, religions and political perspectives – so long as participants adhered to this spirit of inclusion and respect for diversity”.

Originalmente, Waddell era engajado politicamente e sempre defendeu a prática do esporte como exercício de cidadania. Evocando mais uma vez Davidson (2006), mesmo durante a participação nos Jogos Olímpicos de 1968, Waddell protestou contra a ação racista do Comitê Olímpico Estadunidense em punir John Carlos e Tommy Smith pelos gestos de punhos cerrados no pódio, em referência direta ao Black Power³.

Se fosse possível traçar uma história paralela ao olimpismo convencional, poder-se-ia dizer que Tom Waddell representa para a história dos Gay Games o que Pierre de Coubertin (barão de Coubertin) representa para os Jogos Olímpicos da Era Moderna, reeditados em 1896. Ele defendia uma prática inclusiva, não heterossexista, na qual a chamada “igualdade formal de chances” – que, no esporte convencional, separa homens e mulheres em categorias rígidas em nome da “justiça esportiva” – não pudesse prevalecer excluindo corpos sem habilidades técnicas específicas ou sem identificação de gênero (ou sexual) definida.

Considerado, portanto, o “pai dos Jogos Gays” (Bosch & Braun, 2005, p. 186), foi a partir de sua iniciativa que os Gay Games passam a uma existência institucionalizada de práticas

esportivas de/para sujeitos *cujas identidades sexuais e de gênero iam além das heterossexuais* e, ao mesmo tempo, inseriam atletas heterossexuais identificados à causa de um mundo sem barreiras e preconceitos no esporte. Em suas palavras, o objetivo dos jogos era assim resumido:

“The Gay Games are not separatist, they are not exclusive, they are not oriented to victory, and they are not for commercial gain. They ARE, however, intended to bring a global community together in friendship, to experience participation, to elevate consciousness and self-esteem and to achieve a form of cultural and intellectual synergy” (Waddell, 1982, p. 1 – destaque do autor).

Está claramente colocado na “carta de fundação” dos jogos o caráter inclusivo, participativo, não comercial e não competitivo. Sua criação adquire uma característica mais ampla com o passar dos anos, uma vez que, segundo Symons (2010), participar de tais eventos esportivos era também uma forma de se adequar aos padrões de corpo, estilo de vida, entretenimento e consumo que atingiam a população homossexual (*gays* e *lésbicas*) nos anos 1980, particularmente nos EUA⁴.

Os princípios norteadores do agrupamento de atletas – definidos pelo próprio Waddell a partir da segunda edição dos jogos em 1986 – eram (e ainda são): 1) equipes “cossexualizadas” entre homo/héteros e/ou “homens/mulheres”; 2) competição entre grupos etários, para equiparação das condições objetivas entre competidores; 3) estímulo à participação de todas as “minorias ‘raciais’ e étnicas, surdos e pessoas com deficiência” (Waddell, 1982, p. 1)⁵.

De uma proposta idealista, os Gay Games passaram a uma existência institucionalizada, ge-

3 Black Power foi um movimento entre pessoas negras no Ocidente, principalmente nos Estados Unidos. Vigorou entre o final dos anos 1960 e início dos 1970, demarcando sua luta pelo orgulho racial, contra o racismo e a favor de políticas dirigidas para negros. Os atletas mencionados, ao receberem suas medalhas no atletismo, ergueram seus punhos cerrados em forma de protesto e num claro sinal de apoio ao Black Power. Apesar de ter causado polêmica pelo uso político de ideologias dentro dos Jogos Olímpicos, tal gesto se tornou, entretanto, um símbolo na história das lutas dos afro-americanos pelos direitos civis (Van Deburg, 1992).

4 Judy Davidson (2002) igualmente critica os Gay Games, chamando-os de “*Gay Games*”, em referência ao aviltante valor cobrado pelas inscrições de atletas com o passar das edições.

5 Por meio de minhas inserções etnográficas, pude perceber que, apesar de pessoas com deficiência quase não se fazerem presentes nas edições atuais dos Gay Games, algumas minorias étnico-raciais aparecem em certa proporção, vindas principalmente da América Central, de países da África e de outros poucos da Ásia Meridional (sul e sudeste).

rida e coordenada pela Federação dos Gay Games (Federation of Gay Games – FGG) e ganharam uma dimensão mercadológica – com contratos de publicidade junto a empresas apoiadoras, venda da logomarca em produtos via internet e mesmo comercialização da *brand* junto às cidades que almejam organizar uma edição dos jogos⁶. Falecido por complicações relativas à Aids, em 1987, Waddell jamais imaginaria que sua criação se transformasse tanto.

Atualmente, há uma tensão colocada entre se apresentar como um ambiente de diversidade sexual e ser um evento de práticas esportivas restritivas, uma vez que atletas heterossexuais (principalmente os que apresentam elevada *performance* esportiva) não são benquistos ou desejados. E, assim, os jogos se edificam quase como “espaços guetificados” (Camargo & Rial, 2011), onde há regozijo identitário por parte de atletas homens que se relacionam afetivo-sexualmente com outros homens e que desejam estar entre si, reproduzindo as máximas machistas de exclusão de mulheres (lésbicas, no caso) e outros sujeitos sexuais de pistas, quadras, piscinas e tatames, como ocorre noutros ambientes esportivos convencionais.

De qualquer forma, os Gay Games continuam sendo organizados e trazem à baila a discussão sobre identidades sexuais e de gênero no contexto de práticas esportivas, e isso vale ser problematizado. O intuito deste artigo, portanto, é tecer considerações antropológicas sobre tal evento e discutir representações de gênero e sexualidade nos esportes, a partir de observação participante de um antropólogo e esportista, entusiasta do “esporte para todos”, que resgatará suas experiências etnográficas específicas do campo e com atletas entrevistados durante duas edições internacionais desses jogos⁷.

6 Em sintonia com a globalização da economia e a partir da transferência de sede para fora dos Estados Unidos, os Gay Games III, em Vancouver, no início dos anos 1990, podem ser considerados os primeiros jogos em que a iniciativa comercial, a logomarca e a popularização da competição ganham importância mundial. Symons (2010) também defende esse argumento. Porém, analisar as dimensões mercadológicas dos Gay Games extrapolaria os limites deste artigo.

7 Gay Games VII, ocorridos em 2006 na cidade de Chicago, Estados Unidos, e Gay Games VIII, realizados em 2010, na cidade de Colônia, na Alemanha.

“THE GAY GAMES AND CULTURAL EVENTS”: INSTITUCIONALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO⁸

Os Gay Games e os eventos culturais que os compõem se tornaram extremamente conhecidos do público LGBT (lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis, transexuais) e uma das maiores ocasiões festivas/competitivas em todo o mundo (Krane & Waldron, 2000). É um festival cultural e esportivo multimilionário, agregando a cada edição milhares de participantes – em geral, sempre acima dos 10 mil.

A primeira vez que ouvi falar sobre “competições *gays*” eu ainda era um garoto em formação, lá pelo final dos anos 1990, praticante de atletismo. Um amigo corredor tinha um sonho: competir nos Gay Games. Vivíamos em 1996 e faltavam dois anos para a próxima edição quadrienal de tais jogos, que seriam realizados em 1998, em Amsterdã, na Holanda. Em suas fantasias, sempre narradas a mim como companheiro de treino, imaginava homens com torsos definidos correndo ao nosso lado. Com o tempo, seus delírios passaram a povoar também meu imaginário.

Ora, os preconceitos em mim formados por minha educação de base heteronormativa me impediam de ir além, de me considerar ser desejante no universo esportivo, de projetar desejos mais libidinosos em relação, por exemplo, a corpos atléticos de outros corredores, com os quais eu convivía. Ainda me mantinha no que Eve Sedgwick (2007) designa como “armário da sexualidade”. Pensava, no lugar de “perigo e poluição”, para lembrar de Mary Douglas (1976), que poderia ocupar aqueles desejos desviantes, perigosos, ambivalentes e “imorais” – ideias perniciosas do senso comum que habitavam meu imaginário.

Militante do movimento esportivo de pessoas com deficiência, colocava-me contrário a práticas restritivas, mas castrava-me demais, igualmente, no que dizia respeito aos desejos

8 Parte do material e das informações registradas aqui já foi usada também em: Camargo & Rial (2011) e Camargo (2014).

homoeróticos ou à sexualidade no esporte. Demorei anos para entender de modo mais fluido minha sexualidade e não me condenar por desejos direcionados ao mesmo sexo. Lá pelos idos de 2006, aproveitando uma estada nos EUA, vi-me defronte à possibilidade de participar dos Gay Games VII, na cidade de Chicago.

Do *badminton* à luta greco-romana, numa longa lista de quase 30 esportes (individuais e coletivos), escolhi as provas de pista do atletismo. Mais atleta do que antropólogo, vivi uma das experiências mais interessantes de minha vida, participando, correndo, torcendo por e entre homens que se diziam afetiva e sexualmente tocados por outros homens – e entre uma plêiade de outros sujeitos sexuais, inclusive. O primeiro contato com a diversidade sexual me abriu os sentidos, relativizou meu lugar no mundo, reposicionou meus desejos e decidi estudar aquele evento e seus praticantes numa longa pesquisa, que depois se materializou em meu doutorado, entre os anos de 2008 e 2012.

“Com o estádio Soldier Field lotado, aplausos e gritarias. Estávamos em fila e pelo menos havia duas horas esperando o desfile de abertura. Fa-

mílias, parentes, amigos e torcidas organizadas se faziam presentes. À entrada, esperávamos perfilados por ordem alfabética de países, todos sendo anunciados sob uma avalanche de aplausos. O desfile da ‘delegação brasileira’ foi restrito a três brasileiros e uma brasileira. Meio decepcionante, confesso... Em meio aos discursos daquela época de ‘Brasil – Potência Olímpica’, parece que isso não funcionava entre os *gays*. Mas naquele dia, ao anúncio do nome ‘Brasil’, a adrenalina subiu e tomou conta de mim. Corremos para dentro do campo de futebol ensandecidos. Estávamos participando da cerimônia de abertura dos Gay Games, numa cerimônia com pompas de Jogos Olímpicos”⁹.

Com longa trajetória na organização do evento, a FGG, sediada nos EUA, é conduzida basicamente por trabalho voluntário de um comitê de diretores e liderada por dois copresidentes, de gêneros distintos, segundo critérios de paridade de gênero e que são eleitos nos postos de liderança. Essa organização foi oficializada juridicamente em 1989, por meio de esforços de amigos próximos a Waddell, que continuaram organizando as competições *gays* quadrianuais, mesmo após seu falecimento.



Reprodução

Estádio Soldier Field, Gay Games, em Chicago, 2006

9 Caderno de Campo, 15/jul./2006.

Segundo o *site* oficial da FGG, o lema principal da organização assenta-se sobre: “*Built upon the principles of Participation, Inclusion, and Personal Best, since 1982 the Gay Games have empowered thousands of LGBT athletes and artists through sport, culture, and fellowship*” (Federation of Gay Games, 2011).

Além de desenvolver um programa esportivo, os Jogos Gays realizam paralelamente um circuito cultural, composto por exposições, *vernissages* e mesmo mostras artísticas atrelados ao evento oficial – isso se coloca sob a expressão “*cultural events*”. Tal ideia já havia sido planejada originalmente por Waddell, mas foi somente concretizada nos Gay Games II, em São Francisco, 1986. A mostra artístico-cultural, nessa ocasião, chamada de “*Procession of the Arts*”, compôs-se de “[...] *concerts, exhibits, plays, conferences, films, dances, cabarets, and an old-fashioned Circus Parade*” (Uncle Donald’s Castro Street, 2011, p. 2).

Em entrevista com um dos presidentes da FGG, fiquei sabendo que há um protocolo parecido ao do mundo esportivo convencional para a escolha das cidades-sede dos jogos. Quando há candidatos interessados, o comitê diretor da FGG disponibiliza o cadastro *online* por meio de um projeto de desenvolvimento esportivo chamado BID, comum, inclusive, a outras competições convencionais (o Brasil já se candidatou ao menos duas vezes para

sediar os Jogos Olímpicos), e, após meses de vistorias e análises do relatório de intenções, decide-se pela melhor candidatura, segundo um amplo leque de condições. Tal processo da FGG e das cidades candidatas certamente é menos glamoroso do que o processo multimilionário empreendido pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), que recebe ampla cobertura midiática e se constitui ele mesmo em parte do espetáculo dos jogos.

A Tabela 1 apresenta uma listagem sistematizada com as cidades-sede no decorrer da história dos jogos, suas respectivas versões e o número de participantes.

Num primeiro olhar, é importante destacar a quantidade de atletas inscritos nos jogos. Da segunda para a terceira versão, tal quantidade mais que dobrou. Mesmo os Gay Games III tendo sido realizados em Vancouver, Canadá (um território contíguo ao estadunidense), tal edição foi a primeira internacionalizada, numa era de plena intensificação da globalização. A partir das subsequentes versões, o montante de participantes manteve-se relativamente constante e sempre em torno (ou acima) dos 10 mil.

Para ampliar o entendimento do fenômeno em discussão, gostaria de comparar tais quantificações com as dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos, dois importantes eventos do contemporâneo “sistema esportivo global”, segundo Carmen Rial

TABELA 1

Gay Games – Cidades-sede e participantes

Ano	Edição	Cidade	País	No Participantes (aprox.)
1982	I	São Francisco	EUA	1.350
1986	II	São Francisco	EUA	3.500
1990	III	Vancouver	Canadá	7.300
1994	IV	Nova York	EUA	12.500
1998	V	Amsterdã	Holanda	13.000
2002	VI	Sydney	Austrália	11.000
2006	VII	Chicago	EUA	11.500
2010	VIII	Colônia	Alemanha	12.900
2014	IX	Cleveland	EUA	10.000

Fonte: adaptado de Bosch & Braun (2005) e de outros sites

(2008). Enquanto as últimas edições dos Gay Games, em Chicago (2006) e em Colônia (2010), contaram com a participação de, respectivamente, 11.500 e 12.900 atletas (números oficiais veiculados pela federação internacional), as correspondentes versões olímpica e paralímpica de verão, em Beijing 2008, somaram, cada uma a sua vez, 10.500 e 4.800 atletas (Battan, 2008), ambos os totais absolutos inferiores àqueles mencionados. Em que pese a edição de Cleveland em 2014 ter reunido menos participantes, mesmo assim foram divulgados números na casa dos 10 mil.

Em termos de quantificações, Brian Pronger (1990) e Griffin (1998) já haviam frisado numericamente os Gay Games, inclusive atentando para a proporção de participação de gêneros e também estabelecendo comparações com Olimpíadas.

“In 1986, the Gay Games attracted 3.482 athletes with a ratio of men to women of 3:2 in a total of seventeen sports. (This is to be contrasted with the 1988 Olympics in Seoul where the male/female ratio was 2,5: 1) [...] Gay Games III in Vancouver (1990) had over 7,200 athletes registered (which totals over 120 more than participated at the 1984 Los Angeles Olympic Games) in thirty-two sports” (Pronger, 1990, p. 252).

“In 1994 in New York City, Gay Games IV attracted more participants than the 1992 Barcelona Olympics. Gay Games V will be held in August 1998 in Amsterdam and will probably do the same” (Griffin, 1998, p. 190).

Destaquei a variável “número de atletas” apenas para evidenciar que os Gay Games são vultosos na proporção de participantes que atraem, abrindo precedentes para classificá-los, via quantidade, na categoria “megaeventos”, tão propalada atualmente quando se discutem os grandes eventos em que o Brasil estava (e está) envolvido desde 2014. Do ponto de vista conceitual, entretanto, as competições LGBT talvez tenham problema em se situarem no mesmo nível de outros grandes eventos esportivos globais, pois, excetuando-se o número de atletas, elas parecem estar fora dos critérios que são reconhecidos e que legitimam, frequentemente, um fenômeno como “megaevento”, ou seja, não apresentam espetacularidade e apelo

mediático (são invisíveis), não agregam popularidade (não há ídolos esportistas *gays* ou lésbicas), angariam patrocínios inexpressivos e não movimentam altas quantias de dinheiro, se os tomamos em comparação a eventos como Olimpíadas e Copas do Mundo de Futebol¹⁰.

De outra perspectiva, congrega mais participantes do que os Jogos Olímpicos convencionais, conforme destacado por Pronger (1990) e Griffin (1998), não caracteriza uma novidade propriamente dita, visto que, para se fazer presente em qualquer uma dessas versões esportivas LGBT, não é preciso carregar marcas ou índices, ou mesmo convocações oficiais de Comitês Olímpicos Nacionais. A ida ao evento é de livre-arbítrio de cada indivíduo, sendo apenas necessário ter recursos financeiros suficientes à participação, da inscrição à viagem e aos gastos oriundos dela.

Outro detalhe importante que a Tabela 1 salienta é o processo de desterritorialização global do (e reterritorialização no) espaço norte-americano do evento: em 30 anos a competição voltou cinco vezes para os EUA, que também foram o único país a repetir a organização do certame. Arrisco dizer que tal retorno ao território americano, sob supervisão da FGG, é, propositadamente, orquestrado de tempos em tempos. Há manobras políticas que arregimentam apoios e estabelecem uma rede de ações para que isso aconteça, e me fazem pensar na manutenção do que eu chamaria de “espaços políticos identitários”, segundo constatei em meu campo etnográfico junto à organização dos eventos pesquisados.

A Tabela 2 foi confeccionada com dados mais pormenorizados sobre a competição, recolhidos por mim. Eles nos conferem outra dimensão, inclusive de custos dos eventos.

Nota-se que, desde a primeira versão dos jogos, o número de países (e, conseqüentemente, de cidades, pois as inscrições são também contabilizadas por elas) está em ascensão – com exceção dos jogos de Cleveland, em 2014. Por sua vez, desde os Gay Games IV (Nova York,

10 Apesar de interessante, não é o intuito aqui desenvolver uma problematização sobre megaeventos esportivos nem ponderar se os Gay Games se encaixariam em algumas das definições vigentes (Ritchie, Shipway & Cleeve, 2009).

TABELA 2

Gay Games – Outros números

Edição	Nº países inscritos	Modalidades esportivas	Voluntários	Custo total (US\$)
Gay Games I	12	17	~ 600	125 mil
Gay Games II	17	18	~ 1.000	350 mil
Gay Games III	39	27	~ 2.000	2,1 milhões
Gay Games IV	40	31	~ 7.000	6,5 milhões
Gay Games V	68	33	~ 4.000	7 milhões
Gay Games VI	80	36	~ 3.000	5 milhões
Gay Games VII	81	31	~ 2.500	13 milhões*
Gay Games VIII	83	35	~ 2.000	Não fornecido
Gay Games IX	60	35	~ 1.500	6,8 milhões

Fonte: FGG website e Uncle Donald's Castro Street (2011)

*Receita e lucro líquido não confirmados

1994), o número de modalidades esportivas para uma edição olímpica mantém-se estável na casa de 30. O que surpreende na tabela é a quantia de voluntários para esses eventos, que, no geral, sempre é bastante alta¹¹. Em se levando em conta os custos de cada edição, os Gay Games IX (Cleveland, 2014) foram os únicos que, em toda a história dos jogos, registraram lucro total entre o que foi investido e o retorno por meio de anúncios em mídias e arrecadação¹².

Especialmente na brochura oficial do evento de Chicago, em 2006, havia mais de cem patrocinadores, dentre eles, alguns conhecidos, como Coca-Cola Company, Puma e The New York Times. Mas por que tão grande evento não é conhecido do grande público e mesmo

não é mencionado nos veículos de comunicação convencionais (canais de TV, grandes jornais e afins)? Seria simplista a resposta que não são conhecidos porque despertariam preconceitos!

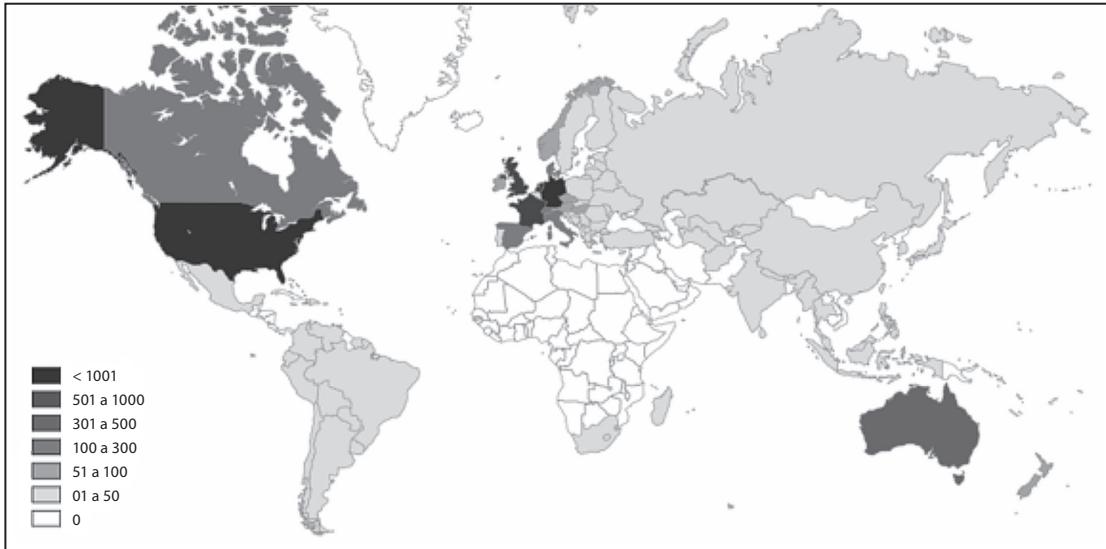
Outro detalhe interessante sobre os jogos: em geral, a maior parte dos atletas é oriunda dos EUA (em Chicago, em 2006, participaram quase 6 mil estadunidenses) e o mesmo se repetiu em 2010, na Alemanha. A maioria masculina nunca foi ultrapassada na história das edições, mas em duas ocasiões a porcentagem de mulheres quase chegou à metade dos participantes: em São Francisco, em 1986, o montante delas atingiu 40% e, nos Jogos de Amsterdã, em 1998, 42%.

Na Figura 1, a seguir, pode-se observar a proporção de participação dos países envolvidos nas contendadas. Um mapa similar foi apresentado no *site* do comitê organizador dos Jogos de Colônia, em 2010, e logo após adaptado por mim e outro pesquisador. Apesar de a Austrália estar geograficamente no Hemisfério Sul, deve ser considerada como partícipe do conjunto das nações ricas do norte desenvolvido, principalmente porque, em termos quantitativos (363 inscritos), aproxima-se de outros

11 Segundo o relatório oficial dos jogos, em Cleveland (2014) voluntariaram-se 3.017 pessoas, 93% delas do estado de Ohio (onde a cidade se situa) e 7% americanos de outras regiões e estrangeiros (15 países estavam representados).

12 Segundo Scott Suttell (2015), o relatório financeiro sobre os Jogos de Cleveland apontou que foi a edição mais rentável de toda a história dos jogos, gerando repasses diretos e indiretos, que chegam a somar quase 7 milhões de dólares em receita e mais de 147 mil dólares em lucro líquido.

Mapa de distribuição dos países participantes dos Gay Games de Colônia (Alemanha), em 2010



Fonte: Gay Games VIII Cologne 2010 Sucess. Arte: Daniel Voltan

países europeus ocidentais (França, com 525 inscritos, Suíça, com 248 e Holanda, com 658).

No tocante à organização das competições em quadras, piscinas, tatames e pistas, a divisão por faixas etárias é o princípio aplicado em maior proporção, principalmente em modalidades esportivas individuais, como atletismo, natação e artes marciais. Equipes mistas de “homens” com “mulheres” são raras, para não dizer inexistentes, uma vez que há tão somente duas categorias nas quais os sujeitos são categorizados arbitrariamente, a “masculina” e a “feminina”, como ocorre em qualquer competição esportiva convencional. O irônico é observar que tal divisão por sexo não é, em geral, questionada, mesmo por sujeitos que se interrogam sobre as prerrogativas de sexo/gênero instituídas socialmente.

A presença de ex-atletas heterossexuais (e atletas héteros ainda em atividade) pode ocorrer em esportes individuais, que apresentam chance de medalhas, novamente como o atletismo e a natação. Esportes coletivos nos jogos (como futebol de campo, voleibol, handebol, softbol e basquetebol), em geral, são lugares de “encontros identificatórios” de sujeitos que tiveram histórico de rejeição nos campeonatos

esportivos convencionais e atualmente buscam experiências não discriminatórias¹³.

NO NÍVEL DAS EXPERIÊNCIAS: O EVENTO VISTO “DE PERTO E DE DENTRO”¹⁴

“PESQUISADOR – Me diga, então, o que significa para você estar aqui no Gay Games?

J – É sério, você quer ouvir o que tenho a dizer?

PESQUISADOR – Sim, claro, gostaria muito.

J – Minha primeira vez foi com muitos amigos, entende? E eu não vou esquecer. O momento mais emocionante para mim é ser olhado, observado e aplaudido por centenas de milhares de pessoas [...] isso para quem é excluído é uma experiên-

13 Como deixei registrado em Camargo (2012), acredito que a relação dos atletas heterossexuais em clubes e associações esportivas gays deveria ser mais bem investigada, pois não se pode tirar rasas conclusões sobre suas participações nos eventos específicos LGBT. Nigel Jarvis (2015) fez algo nesse sentido, no tocante a atletas heterossexuais em clubes gays ingleses.

14 Refiro-me aqui ao que destaca José Guilherme Magnani (2002).

cia fantástica. Digo, é uma experiência fantástica mostrar ao mundo que nós [gays] somos mais do que ‘sexo, drogas e *rock and roll*’. [...] Os Gay Games são uma oportunidade de mostrar para o mundo que nós somos iguais a quaisquer outros. Eu vivo num país onde em 36 estados [dos 50 estados norte-americanos] eu posso ser preso só por ser *gay*. [...] Por isso acho que precisamos manter isso aqui [Gay Games]”¹⁵.

Esse trecho anterior é parte de minha conversa com J, estadunidense, branco, de 58 anos, solteiro e apoiador das competições esportivas LGBT, que, segundo diz, são um local “reservado” para que se expressem livremente no esporte e troquem experiências. Numa expressão repetida por vários entrevistados: um espaço de “construção identitária *gay*”.

Ex-atleta de *powerlifting* (levantamento de peso) e atual técnico de *bodybuilding* (escultura corporal), usa saias de couro, possui *piercings*, brincos e *tatoos*, e se considera à frente de sua geração. Participa especificamente dos Gay Games como atleta desde os anos 1990. Adepto do mundo *gay* dos “fetiches”, é desinibido, muito sociável e comunicativo. Foi ele quem me inseriu na apresentação de *bodybuilding* nos Gay Games VIII. Nosso contato se iniciou por acaso, no dia de retirada do material de inscrição, na oitava edição dos jogos.

Lá eu participava como corredor de 5 km em pista de atletismo. Porém, meu “sentido antropológico” mais aguçado me permitiu “olhar, ouvir e escrever” – como nas palavras de Roberto Cardoso de Oliveira (1996) – sobre tudo o que me era, então, ao mesmo tempo familiar e exótico. Além de mapear melhor por onde pessoas e fatos circulavam ou mesmo quando ocorriam os melhores momentos para encontrar alguém com quem conversar, pude ter acesso mais aproximado às vidas de sujeitos que “militavam” há anos no movimento esportivo LGBT internacional e às suas redes sociais. O encontro com J foi fruto dessa postura investigativa.

A larga maioria dos entrevistados não é composta de atletas (atuais ou passados), mas de in-

divíduos com histórias pessoais de início precoce nas práticas esportivas (em geral, por volta dos 12 anos). No entanto, assumindo categoriasêmicas, no âmbito competitivo designam-se (e são designados por outros agentes sociais) como “atletas”, isto é, indivíduos envolvidos em práticas esportivas mais ou menos regulares, tanto com vistas à *performance* atlética quanto à simples expressão lúdica do movimento. Assumirei tal designação sem aspas, pois essa classificação é parte discursiva de como denominam suas *performances*, no sentido butleriano.

Muitos se autodenominam assim em busca daquilo que gostariam de ser (ou terem sido) e/ou mesmo daquilo que gostariam de ter (ou terem tido), como um corpo atlético e definido. O próprio J me contou, em outro momento de nossas conversas, desejar corpos de atletas heterossexuais que participam dos eventos. O “fetiche” em relação à posição de atleta (e mesmo às vestimentas atléticas) é algo muito presente no imaginário, nos discursos e nas práticas dos sujeitos que frequentam tais arenas esportivas¹⁶.

Outra singularidade do grupo de atletas *gays* entrevistados foi o fato de muitos ainda viverem crises em relação à orientação sexual e estarem no *closet* da sexualidade – senão durante o evento, pelo menos no decurso de suas vidas cotidianas. Como já mostrou Eve Sedgwick (2007), o armário é um local ambíguo e poroso. O “viver no armário” é sempre contraposto ao “sair dele”, e isso não é, em definitivo, algo hermético. A autora ressalta que os pensadores do século XX não foram ingênuos nem cegos para as danosas contradições dessa metáfora do “dentro” e “fora” do armário da privacidade¹⁷. O que se torna problemático, de acordo com sua opinião, é que tais contradições estão enraizadas na cultura europeia e têm topologias mais amplas relacionadas à privacidade na cultura,

15 Entrevista em 31/8/2010. Letras foram aplicadas aos nomes para classificar os entrevistados e proteger suas identidades.

16 Fiz uma primeira aproximação entre roupas esportivas e fetiches numa comunicação oral no 11º Colóquio Internacional de Moda (Camargo, 2015b).

17 Não nos esqueçamos de que Michel Foucault (1985) já destacara o cuidadoso encarceramento da sexualidade para dentro de casa a partir do século XVIII e a imposição do casal procriador como modelo e lei, fazendo-se reinar a norma associada à função da reprodução.

o que dificultou haver, de fato, uma metáfora alternativa como possibilidade real¹⁸.

Nas competições em que estive presente tive contato com algo em torno de 180 atletas, praticantes de aproximadamente 20 modalidades e estabeleci diversos tipos de contatos, que me foram frutíferos na compreensão analítica sobre o campo e me renderam, inclusive, algumas relações de amizade. Do total de contatos estabelecidos, obtive cerca de 13 diálogos mais profundos e acompanhei sistematicamente, durante um período de cerca de um ano, a vida de seis daqueles sujeitos, que moravam no mesmo país que eu, à época (no caso, Alemanha).

As interações se deram em seus locais de treino, em eventos esportivos, em situações sociais outras (como bares, cafés, restaurantes, boates, saunas ou outros lugares de entretenimento LGBT) e, em meio aos diálogos, eu postulava minhas preocupações investigativas. Para usar uma designação de Néstor Perlongher (2008), praticamente a totalidade dos atletas entrevistados estabelecia, em meios sociais e esportivos onde circulavam, “relações horizontais”, isto é, relações em que não estavam em jogo dinheiro, disputas por poder, território, cargos ou prestígio. Eram relações baseadas apenas em “trocas de orgasmo por orgasmo”, dentro do que foi chamado por Michel Pollak (1987) de “mercado dos intercâmbios sexuais”. Apenas um casal mantinha uma ligação afetiva baseada em “relações verticais”, que envolviam dominação/submissão, imposição de vontades e desejos, disputas por recursos econômicos. Por sua vez, as entrevistas mais pormenorizadas e específicas com os sujeitos escolhidos foram, geralmente, realizadas em locais mais reservados e silenciosos. Todos sabiam da minha condição de pesquisador; porém, em meio à interação, a maioria se esquecia disso e me tratava como um “parceiro de jogo”, para tecer uma analogia ao mundo dos esportes.

Um dado estatístico interessante que trago de um *survey* amostral por mim realizado em 2009, num outro evento esportivo LGBT de envergadura internacional, conclui, de modo

18 Infelizmente, este artigo não comporta a discussão sobre os “armários da sexualidade” dos atletas no campo esportivo.

geral, que a maioria de tais sujeitos provém de países desenvolvidos (Estados Unidos, Canadá, Austrália e Europa Ocidental), habita grandes centros urbanos (ou cidades médias de regiões megalópoles ou metropolitanas), tem escolaridade formal de nível superior (principalmente cursos universitários), designa-se “branca” (com alguma porcentagem de mestiçagem) e, em esmagadora proporção, se reconhece do “gênero masculino”. Muitos relatam que moram sozinhos e aproveitam as viagens proporcionadas pela participação nos eventos para férias e turismo.

A situação de aproveitar o evento para estender a viagem e averiguar o que o local pode oferecer é bastante utilizada também por casais. Encontrei alguns deles em todos os campos etnográficos realizados na pesquisa doutoral¹⁹. Alguns deles tiravam férias juntos para poderem participar da competição e aproveitar “*tudo* o que o evento pode oferecer”, de acordo com o que me revelou um atleta no evento de Copenhague.

“PESQUISADOR – Então você veio casado para os jogos?

D – Sim, claro; ele é meu maior incentivador; não só porque é psicólogo, mas quando tive problemas com meu pai – há muitos anos – ele foi minha família.

PESQUISADOR – Mas como é o lance de participar dos jogos, vocês vêm sempre juntos?

D – Não, porque eu represento instâncias do esporte LGBT no mundo, então viajo muito. E ele, quando vem, não compete. Mas quando é possível, geralmente no verão, viajamos juntos para aproveitar tudo o que o evento tem para oferecer.

PESQUISADOR – O que é esse ‘tudo’?

D – Ah, você sabe... [*riu e levantou a sobrancelha, permanecendo pensativo alguns segundos*]. Saímos para lugares *gays* e procuramos um terceiro

19 A pesquisa vigorou de fevereiro de 2008 a fevereiro de 2012 e desenvolveu uma etnografia *multi-sited*, nos termos clássicos de George Marcus (1995), na qual o antropólogo circula por vários lugares e estabelece a conexão entre eles, resgatando os significados das práticas sociais dos sujeitos e estruturando o argumento etnográfico. A etnografia ao longo da investigação ocorreu nas competições esportivas LGBT (de lésbicas, *gays*, bissexuais e transgêneros): os World Outgames II, em 2009, Copenhague (Dinamarca); os Gay Games VIII, em 2010, Colônia (Alemanha); e os North American Outgames II, em 2011, Vancouver (Canadá).

[parceiro]; nas competições *gays* é mais fácil encontrar, pois há opções para todos os lados. Sempre fizemos isso, desde o início de nosso namoro”²⁰.

Buscar um terceiro elemento para fazer sexo – ou *threesome*, como se referem em inglês – faz parte dos discursos e práticas dos casais entrevistados e parece supor que há uma nova forma de conjugalidade em processo. RB e DF, por mim encontrados em 2010, foram os primeiros a explicitar, clara e avidamente, seus desejos ao me fazerem o inusitado convite. Um alemão e outro grego, 36 e 35 anos, respectivamente, “brancos” e “casados” há seis anos, manifestam que essa é a “única forma de fazer o relacionamento durar”²¹, segundo me relata RB, que, olhando para DF, pede afirmativamente um sorriso, e acabamos os três rindo em consonância.

Apesar de bastante comuns os chamados “relacionamentos abertos” no mundo *gay* masculino adulto, no caso de RB e DF, a prática do sexo com terceiros participa de uma lógica de organização da relação, que mistura partilhamento de intimidade, preocupação com o outro, carinho e amor. Como constatou, similarmente, Olívia von der Weid (2010, p. 792), em sua pesquisa sobre *swing* entre casais (heterossexuais),

“[...] o *swing* não surge apenas como uma forma de satisfação de impulsos momentâneos, uma maneira menos arriscada de se consumir o prazer e descartá-lo. [...] Ver o outro se relacionando e ser visto, participar dessa interação como observador ou ativamente traria consequências para a relação a dois no sentido de aumentar a

liberdade e a intimidade e melhorar a própria relação sexual do casal”.

Enquanto RB tinha uma estressante rotina de lutas no ginásio principal da Deutsche Sporthochschule (Escola Superior Alemã de Esportes), no complexo esportivo Müngersdorf, em Colônia, DF tirava fotos de seu *Mann* (como se referia ao seu “marido”, em alemão) e me explicava quão difícil tinha sido sua situação de moradia e trabalho na Inglaterra, onde se conheceram. Era a primeira “competição *gay*” de ambos e eles estavam literalmente “fascinados” com todo o entorno. Para ambos, vindos de histórias de sofrimentos, as competições LGBT funcionavam como “reduzido de amizade, amor e confraternização entre os seus [iguais]”, pelo que me reportaram. RB é praticante de “artes marciais” (karatê e judô) desde a mais tenra idade, e DF é corredor (meio-fundista). Vivendo em Londres, participam da Associação de Artes Marciais Ishigaki Ju-Jitsu, apesar de só RB competir por ela. DF é o “mascote” do grupo, segundo o que me contou o namorado, rindo.

Eles vivem juntos desde que RB decidiu mudar-se da Alemanha para a Inglaterra, após a morte da mãe. Ambos se conheceram nesse país e tal fato determinou a mudança de RB para apoiar DF e, com isso, construir um relacionamento. Apesar de apoiado pelo pai na escola e nos esportes, RB teve uma triste realidade em casa: via, constantemente, sua mãe sendo espancada pelo patriarca. Essa realidade o revoltou muito enquanto adolescente, o que fez com que iniciasse a prática de lutas marciais para, literalmente, “bater no pai”. O dilema se “resolveu” quando a mãe doente faleceu e, como tinha conhecido DF em Londres, RB decidiu para lá se mudar, deixando a casa paterna. Segundo me contou entre lágrimas, não encontra mais o pai desde 2004 e nem sabe se está vivo. “Minha mãe, de tanto apanhar, adquiriu um distúrbio neurológico”, o que, segundo ele, talvez tenha sido o motivo de sua morte prematura²².

Moram juntos há sete anos e a fórmula para a duração é “sempre fazer tudo juntos”, inclusive o sexo. Desde que nos conhecemos, identificamos-nos muito, não apenas com as histórias pessoais

20 Registro traduzido de entrevista em 28/9/2009.

21 Conversa após o jantar de 5 de agosto de 2010, na qual a temática principal fora a participação na “comunidade” dos jogos e relações sexuais com terceiros. RB e DF me relataram que o clube poliesportivo de Londres, do qual fazem parte, realiza sempre torneios entre os membros e jantares/festas confraternizadoras. As competições internacionais LGBT, de acordo com o que reportaram, são momentos para “uma confraternização mais global [...] para conhecer pessoas de outros lugares [...] e também para mostrar o que desenvolvemos em nosso clube”. Nesse último aspecto, ouvi de RB, que competia na modalidade de “lutas marciais”, quão desapontado estava em ver “[...] tão poucos competidores e com níveis tão baixos”. Para ele, os melhores eram de sua equipe (*Caderno de Campo*, ago./2010).

22 *Caderno de Campo*, ago./2010.

de opressão e violência dentro de casa – como abusos e desrespeito à condição de sujeitos “desviantes” –, mas também com a maneira como os três lidamos com a vida. RB e DF tornaram-se meus amigos; não aqueles com os quais se tem relações superficiais ou incompletas, mas aqueles com quem estabelecemos vínculos afetivos. Também foi uma das raras situações em que tive contato com essa visão “além-fronteiras” do monogamismo.

Por aqui, trouxe alguns interlocutores do processo investigativo, que se fizeram presentes no cenário etnográfico nas competições esportivas investigadas e me deram uma outra *face* dos Gay Games. Não pretendo tomar tais histórias e trajetórias individuais como modelos representativos a serem generalizados para outros participantes, tampouco trazer à tona “verdades” sobre tais sujeitos em suas relações com os jogos LGBT. Pensei em apresentá-los e mostrar como há tensões relacionais entre eles e o objeto de seus desejos, no caso, as práticas esportivas. De formas diferenciadas e em outros contextos, eles estarão em permanente fluxo no texto e na história dos jogos.

SOBRE O FUTURO DOS JOGOS: NOTAS ANTROPOLÓGICAS FINAIS

As nações que mais tiveram participantes na oitava edição foram os Estados Unidos (2.219) e a Alemanha (2.955), ambos os países com maior número de inscrições. Destaque do mapa anterior é, igualmente, a presença de países emergentes no rol das participações, como Argentina, Brasil, China, África do Sul, Indonésia e Polônia. Porém, mesmo tendo figurado como partícipes, todos eles inscreveram até 50 participantes, ou seja, número inexpressivo se comparado aos países citados anteriormente.

E, de outra parte, surpreende ainda que, apesar dos impactos das discussões sobre parceria civil, direitos humanos LGBT e “casamento *gay*” em escala planetária, grande parte da África, Oriente Médio, Ásia Central, alguns países da América do Sul e quase toda a Ásia Meridional estão excluídos da participação ou figuram de modo muito modesto (a Índia, por exemplo, se fez representada nos Jogos de Colônia com apenas um participante e

não foi representada em Cleveland, em 2014). Seja por questões religiosas, econômicas, políticas, culturais ou morais, o fato é que ainda se sabe pouco sobre os motivos de não participação num evento global como os Gay Games.

Para além dessas quantificações, cabe comentar que tais jogos se originaram como evento esportivo “alternativo” a competições heteronormativas convencionais (ou seja, eventos orientados pela lógica heterossexual dominante nas sociedades), algo singular nos termos de Symons (2010, p. 241):

“The Gay Games have been an alternative Games. In a largely homophobic and heterosexual world the staging of the Gay Games, the implementation of progressive participation policies and the development of an extensive international lesbian and gay sports movement have been significant achievements. Inclusive policies and practices along with their affirmation and celebration of LGBTIQ sport and culture make the Gay Games unique”.

No entanto, nos últimos tempos, tais competições têm adquirido contornos de um “projeto exclusivo”, seja pelos constantes retornos aos Estados Unidos reforçando uma política “bairrista” de controle, seja pelos argumentos contrários aos Gay Games trazidos por militantes separatistas, que resolveram organizar um campeonato mundial em formato similar, o World Outgames, cuja primeira edição aconteceu no Canadá (Montreal, 2006), a segunda, na Dinamarca (Copenhague, 2009) e a última, na Bélgica (Antuérpia, 2013), e que tem o propósito anunciado de desmonopolizar os Gay Games como evento específico.

Do ponto de vista dos atletas participantes, em que pese sustentarem um discurso assimilacionista (de comparação ao universo olímpico convencional), criam e reeditam um espaço de cultura e esportes dessincronizado com a produção heteronormativa de esporte. E, mesmo reproduzindo gestos atléticos ou técnicas que imitam as *performances* esportivas canônicas em prol de rendimento (e reconhecimento no esporte), esses atletas postulam algo novo, uma ocupação conseqüente de um espaço (in)existente, transitório, desterritorializado. Mesmo que em alguns momentos os Gay Games ganhem caráter de “espaço



Folder da campanha do grupo de Berlim, em 2010, defendendo a unificação dos jogos

guetificado” para práticas sexuais homoeróticas – como mencionei em outro lugar (Camargo & Rial, 2011) –, as referências relativas a tais jogos só se fazem possíveis por causa das representações simbólicas criadas (e recriadas) sobre eles, tanto em termos de gênero, de sexualidade, de “fetiche” (Camargo, 2015a) e mesmo de esporte.

Assim, torna-se um exercício de futurologia refletir sobre o que acontecerá ao formato e à proposta ideológica dos Gay Games. Com os movimentos questionadores e as opções surgidas nos últimos anos, houve, claramente, um abalo visível nas convicções da Federação Internacional. No entanto, minha pesquisa revelou que por mais que os indivíduos clamem por “respeito à diversidade”, “espaços inclusivos” e “não discriminação de gênero no esporte”, eles também demandam a existência de “lugares” (ou “não lugares”, pois as competições são territorializações temporárias) de reforço

identitário, exclusivos, e onde possam explicitar suas capacidades esportivas e suas sexualidades, sem o controle efetivo da sociedade heteronormativa²³. Isso é, portanto, algo a ser levado em consideração quando se problematiza antropologicamente tais competições.

As conversações entre grupos, associações esportivas, federações e confederações já se iniciaram para os Gay Games de 2018, sua décima edição, a ser realizada em Paris. Ao mesmo tempo em que se organizam os opositores de tais jogos, estruturam-se também grupos e indivíduos que treinam avidamente e esperam pela participação num dos eventos mais inusitados e excêntricos de todo o planeta. É entre essas contradições e as idas e vindas da proposta de “evento único mundial” (*one world event*) que o universo LGBT aguarda, ansioso e atento, para os desdobramentos do que poderá acontecer nos próximos lances políticos.

23 Para Marvin Washington e Susan Mckay (2011), há contradições entre a identidade organizativa das federações internacionais e a imagem criada/mantida pelas associações

LGBT. Para tais autores, os conflitos existentes entre indivíduos e grupos são, de fato, resultado do que se encontra entre os princípios de governança e de organização.

BIBLIOGRAFIA

- BATTAN, Carrie. "The Beijing Olympics by the Numbers", in *Dollars & Sense: Real World Economics*. 2008. Disponível em: <http://www.dollarsandsense.org/archives/2008/0808battan.html>. Acesso em: 10/5/2011.
- BOSCH, Heike; BRAUN, Phillip. *Let the Games be Gay!* Stuttgart, Gatzanis Verlag, 2005.
- CAMARGO, Wagner Xavier. "Circulação do Desejo: Esporte, Corpos Atlético e Práticas de Sexo", in *Revista Textura (Ulbra)*, v. 17, 2015a, pp. 110-38.
- _____. "Corpo, Moda e Práticas Esportivas". Apresentação no 11º Colóquio Internacional de Moda. Curitiba, set./2015b.
- _____. "Uma História Diferente: Os Gay (Olympic) Games e sua Origem", in *Revista Homium*, v. 3, 2014, pp. 36-54.
- CAMARGO, Wagner Xavier; RIAL, Carmen Moraes. "Competições Esportivas Mundiais LGBT: Guetos Sexualizados em Escala Global?", in *Revista Estudos Feministas*, v. 19. UFSC, 2011, pp. 977-1.003.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever", in *Revista de Antropologia*, v. 39, n. 1. São Paulo, USP, 1996, pp. 13-37.
- CARNEY, Alison; CHAWANSKY, Megan. "Taking Sex off the Sidelines: Challenging Heteronormativity Within 'Sport in Development' Research", in *International Review for the Sociology of Sport*, 2014, pp. 1-15.
- DAVIDSON, Judy. "The Necessity of Queer Shame for Gay Pride: The Gay Games and Cultural Events", in Jayne Caudwell (org.). *Sport, Sexualities and Queer/Theory*. London/ New York, Routledge, 2006, pp. 90-105.
- _____. "The 'Pay' Games: The Commodification of the Gay Games and Cultural Events", in *Annals Candian Congress on Leisure Research*. Alberta, 2002, pp. 1-5.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- ENG, Heidi. "Queer Athletes and Queering in Sport", in J. Caudwell (org.). *Sport, Sexualities and Queer/Theory*. London, Routledge, 2006, pp. 49-61.
- GAY GAMES VIII Cologne 2010 Success. Disponível em: [http://www.gaygames.com/index.php?id=18&tx_ttnews\[tt_news\]=41&tx_ttnews\[backPid\]=1&cHash=89e2dd8ad2](http://www.gaygames.com/index.php?id=18&tx_ttnews[tt_news]=41&tx_ttnews[backPid]=1&cHash=89e2dd8ad2). Acesso em: 17/6/2011.
- GRIFFIN, Pat. *Strong Women, Deep Closets: Lesbian and Homophobia in Sports*. Massachusetts, Human Cinetics, 1998, pp. 133-56.
- FEDERATION of Gay Games. "Mission, Vision, and Values". Disponível em: <http://www.gaygames.com/index.php?id=56>. Acesso em: 20/8/2011.
- _____. "Our Founder, Dr. Tom Waddell". Disponível em: <http://gaygames.org/wp/mission-and-values/frequently-asked-questions/our-founder-dr-tom-waddell>. Acesso em: 10/8/2015.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: A Vontade de Saber*. 8ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 1985.
- JARVIS, Nigel. "The Inclusive Masculinities of Heterosexual Men Within UK Gay Sport Clubs", in *International Review for the Sociology of Sport*, n. 50, May 2015, pp. 283-300.
- KRANE, Vikki; WALDRON, Jeniffer. "The Gay Games: Creating Our Own Sports Culture", in Kay Schaffer; Sidonie Smith (eds.). *The Olympics at the Millenium: Power, Politics and the Games*. New Jersey, Rutgers University Press, 2000, pp. 147-64.
- LENSKYJ, Helen J. *Out on the Field: Gender, Sport and Sexualities*. Toronto, Women's, 2003.

- MAGNANI, José Guilherme C. "De Perto e de Dentro: Notas para uma Etnografia Urbana", in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17(49), 2002, pp. 11-30. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf>. Acesso em: março de 2012.
- MARCUS, George. "Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography", in *Annual Review Anthropology*, v. 24, 1995, pp. 95-117.
- OWEN, Gareth. "Catching Crabs: Bodies, Emotions and Gay Identities in Mainstream Competitive Rowing", in J. Caudwell (org.). *Sport, Sexualities and Queer/Theory*. London, Routledge, 2006, pp. 129-44.
- PERLONGHER, Néstor. *O Negócio do Michê: A Prostituição Viril em São Paulo*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2008.
- PRONGER, Brian. "Homosexuality and Sport: Who's Winning?", in J. McKay; M. A. Messner; D. Sabo (orgs.). *Masculinities, Gender Relations and Sport*. London, Sage, 2000, pp. 222-44.
- _____. "Sex and Sport", in *The Arena of Masculinity: Sports, Homosexuality and the Meaning of Sex*. New York, St. Martin's, 1990, pp. 177-213.
- POLLAK, Michael. "A Homossexualidade Masculina ou: A Felicidade no Gueto?", in P. Ariès; A. Béjin (orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo, Brasiliense, 1987, pp. 54-76.
- RIAL, Carmen Silvia M. "Rodar: A Circulação dos Jogadores de Futebol Brasileiros no Exterior", in *Horizontes Antropológicos*, ano 14, n. 30. Porto Alegre, jul.-dez./2008, pp. 21-65.
- ITCHIE, Brent W.; SHIPWAY, Richerd; CLEEVE, Bethany. "Resident Perceptions of Mega-Sporting Events: A Non-Host City Perspective of the 2012 London Olympic Games", in *Journal of Sport & Tourism*, 14, 2009, pp. 143-67.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. "A Epistemologia do Armário", in *Cadernos Pagu*, v. 1, n. 28. Campinas, jan./jun. 2007, pp. 19-54.
- SYMONS, Caroline. *The Gay Games. A History*. New York, Routledge, 2010.
- SUTTELL, Scott. "Gay Games 9 Generated \$6.8 Million in Revenue, \$147,000 in Net Profit, Report Says". Disponível em: <http://www.crainscleveland.com/article/20150219/FREE/150219829/gay-games-9-generated-6-8-million-in-revenue-147000-in-net-profit>. Acesso em: 1/3/2015.
- UNCLE Donald's Castro Street. "Gay Games II: The Triumph in '86". Disponível em: <http://gaygamescom.site.securepod.com/en/gaygames/gaygamehist.html#gg1>. Acesso em: 1/11/2011.
- VAN DEBURG, William L. *New Day in Babylon: The Black Power Movement and American Culture, 1965-1975*. Chicago, University of Chicago Press, 1992.
- WADDELL, Tom. "White Paper: Why the Games?" (1982). Disponível em: <http://www.gaygames.com/index.php?id=200>. Acesso em: 2/11/2011.
- WADDELL, Tom; SCHAAP, Dick. *Gay Olympian. The Life and Death of Dr. Tom Waddell*. New York, Alfred A. Knopf, 1996.
- WASHINGTON, Marvin; MCKAY, Susan. "The Controversy over Montréal: The Creation of the Outgames in the Field of Gay and Lesbian Sports", in *Canadian Journal of Administrative Sciences Revue/Canadienne des sciences de l'administration*, 28, 2011, pp. 467-79.
- WELLARD, Ian. "Exploring the Limits of Queer and Sport: Gay Men Playing Tennis", in J. Caudwell (org.). *Sport, Sexualities and Queer/Theory*. London, Routledge, 2006, pp. 76-89.
- YOUNG, Perry Deane. *Lesbians and Gays in Sports*. New York/Philadelphia, Chelsea House Publishers, 1995.